

# Crise deve adiar acordo da dívida

A ASSINATURA, COM OS BANCOS, DA VERSÃO FINAL DEVERIA SER ANUNCIADA NA REUNIÃO ANUAL DO FMI.

PAULO SOTERO,  
DE WASHINGTON

A preocupação de evitar que o acordo arduamente obtido com os bancos credores privados seja contaminado pelo debate político em torno do impeachment do presidente Collor parece ter levado o ministro da Economia, Marcílio Marques Moreira; a repensar a idéia de anunciar o fechamento da versão final da proposta do acordo durante a reunião anual do Fundo Monetário Internacional e do Banco Mundial, que se instala em Washington amanhã.

Ontem, enquanto fontes do comitê de bancos diziam que o *term sheet* estava pronto, assessores do ministro indicavam que havia ainda alguns detalhes a acertar. No sábado, Marcílio afirmara que o trabalho de conclusão da proposta ainda poderia levar uma semana. O negociador brasileiro da dívida, Pedro Malan, disse que as equipes brasileiras e estrangeiras estão trabalhando desde ontem para concluir a leitura e aprovação final do texto, que tem 170 páginas e está virtualmente pronto. Assim, persistiam dúvidas sobre um anúncio conjunto do acordo.

Esse não era o único efeito da crise na delicada missão de Marcílio de representar o Brasil do escândalo PC Farias numa reunião internacional. Na manhã de ontem, o ministro e seus assessores explicaram à administração do FMI a situação econômica do País e ouviram perguntas ansiosas dos técnicos da organização sobre o cronograma da crise. O conselheiro político de Marcílio, José Gregori, previu um desfecho "em vinte dias". Gregori, que normalmente atua nos bastidores, fez uma intervenção no final da reunião para afirmar que "o ministro Marcílio e sua equipe são hoje uma ilha de credibilidade no quadro político brasileiro".

O Brasil "tem demonstrado surpreendente maturidade das instituições democráticas recentemente emergidas, e igualmente dos recentes mecanismos de mercado, enquanto não mudou o consenso geral sobre a necessidade e a urgência das reformas modernizantes", afirmou Marcílio.

Marcílio teve um momento de satisfação ao se ver incluído entre os ministros das Finanças que o presidente dos Estados Unidos, George Bush, convidou à Casa Branca para um coquetel, no final da tarde, para projetar a liderança dos EUA após as turbulências cambiais que abalaram a Europa na semana passada e celebrar o fim dado pelos franceses, ontem, à integração européia.